ESTUDO DE CASO: ALFABETIZAÇÃO ESPACIAL NAS SÉRIES INICIAIS NA ESCOLA MUNICIPAL MARIA TERESA MACIEL DA SILVEIRA MELO, NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR.

Daniel Dias Rodrigues[1]

Cezar Ricardo Lima Neves[2]

Maria das Neves Magalhães Pinheiro[3]

RESUMO:

Compreender fatos, ações, transformações são objetos que intrigam o pensamento geográfico. O processo da educação geográfica entra nesse contexto como uma problemática que em parte intriga pela própria mutabilidade de aplicação da Geografia, principalmente nas séries iniciais. Tem-se então o contexto da "alfabetização espacial" como agente essencial na construção de um pensamento crítico que vem promover o conhecimento voltado para a análise social quanto à sua configuração espacial. Este artigo objetivou efetuar um estudo sobre os processos educacionais envolvendo todos os componentes partícipes do processo da alfabetização espacial, através de uma análise *in loco* nas dependências de uma escola da rede pública de ensino, seguindo a linha de pesquisa do estudo de caso para, através deste, externar uma realidade para se ter um contexto mais amplo sobre a realidade escolar (focando o ensino da Geografia). A pesquisa realizada é de caráter qualitativo-quantitativo, abrangendo uma linha exploratória que se baseou em entrevistas, questionários e levantamento bibliográfico. Ficou evidenciado que o proposto como parâmetro não é seguido no processo de ensino da disciplina, consistindo então, na ausência da formação integral do indivíduo para com o entendimento das práticas sociais existentes no espaço geográfico.

Palavras-Chave: Alfabetização espacial. Ensino e aprendizagem. Geografia.

STUDY OF CASE: SPACE LITERACY IN THE INITIAL SERIES IN THE MUNICIPAL SCHOOL MARIA TERESA MACIEL OF SILVEIRA MELO, IN THE DISTRICT OF BOA VISTA-RR

ABSTRACT:

To understand facts, actions, transformations are objects that bestir the geographical thought. The process of the geographical education enters in that

[1] Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Roraima-UERR. Email: diaz_102@hotmail.com

[2] Acadêmico do curso de Geografia da Universidade Estadual de Roraima-UERR. Email: neves.cezar@bol.com.br

[3] Profª MSc. Da Universidade Estadual de Roraima-UERR. Email: badelneves.geog@uerr.edu.br

context as a problem that partly bestirs for the own changeability of application of the Geography, mainly in the initial series. It is had the context of the “space literacy” then as essential agent in the construction of a critical thought that comes to promote the knowledge returned for the social analysis as for its space configuration. This article aimed at to make a study deepened on the education processes involving all the components participators of the process of the “space literacy”, through an analysis *in loco* in the dependences of a public school, following the line of research of the case study for, through this, to express a reality to have a wider context about the school reality (focusing the teaching of the Geography). The accomplished research is of qualitative-quantitative character, including an exploratory line that it is based on interviews, questionnaires and bibliographical study. It was evidenced that what is proposed as parameter is not followed in the process of teaching of the discipline, consisting then, in the absence of the individual's integral formation to the understanding of the existent social practices in the geographical space.

Key words: Space literacy. Teaching and learning. Geography.

INTRODUÇÃO

Compreender fatos, ações, transformações são objetos que intrigam o pensamento geográfico. O processo da educação geográfica entra nesse contexto, como uma problemática que em parte intriga pela própria mutabilidade de aplicação da geografia principalmente nas séries iniciais.

A promoção então desse contato parte da escola com seu corpo docente comprometido numa educação que rompe o tradicionalismo. Temos então o contexto da “alfabetização espacial” como agente essencial na construção de um pensamento crítico que vem por promover o conhecimento voltado para a análise social quanto à sua configuração espacial.

Nessa situação encontramos três agentes que são base nesse estudo de caso para se avaliar toda essa dinâmica educacional na formação de indivíduos capacitados. Os alunos (sendo então os sujeitos passivos no processo de aprendizagem em que, se de fato estão conseguindo pensar de forma reflexiva a fim de construir conhecimentos), os professores (como os agentes ativos responsáveis pela alfabetização espacial onde, se estão conseguindo esse processo de ensino aprendizagem e que metodologias por sua vez utilizam) e por último a escola (se num contexto geral, promove apoio pedagógico tanto para os professores quanto os alunos na geração de conhecimentos).

Os processos que contribuem para capacitar um indivíduo são muitos dinâmicos, pois em todos esses agentes são suscetíveis a problemáticas que vem por interferir no seu rendimento e que, portanto interfere no sistema de ensino, conseqüentemente na formação de cidadãos.

Um indivíduo que não conhece sua própria realidade, incapaz de interpretar as informações é muito difícil ser chamado de cidadão. O acesso ao conhecimento é garantido por lei para todos os indivíduos (claro aqui os seres humanos), para enfim exercer o ato de ser cidadão.

A GEOGRAFIA E A ESCOLA

Segundo Almeida e Passini (2008, p. 11) “a geografia é a ciência espacial voltada para a análise da realidade social quanto à sua configuração espacial”. Ela vem com a finalidade de propor reflexões quanto à dinâmica social-espacial.

Como tal, a ciência geográfica desempenha essa função espacializadora, que de fato propõe a contextualização das práticas sociais por parte do indivíduo e em âmbito escolar objetiva a capacitação dos alunos, ou seja, é essencial no processo de socialização do ser humano. De acordo com Sahr e Alves (2009, p. 50) “A educação é um elemento essencial na condição social do homem; Sendo assim, os saberes escolares devem acompanhar a dinâmica espacial, tornando os sujeitos desalienados”

A “alfabetização espacial” entra nesse contexto como chave na promoção pautada na compreensão do mundo onde o aluno se coloca no mundo como participe das interações e através da transição do egocentrismo para a descentração, enxerga o espaço na sua multidimensionalidade. segundo Castrogiovanni (2000):

> “A representação dos segmentos espaciais é fundamental no processo de descentraçao do aluno facilitando a leitura do todo espacial. Dessa forma o ensino da geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. O espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações”. (p.12)

De fato, a disciplina apresenta todo um contexto, que revela toda a complexidade de se aplicar com sucesso o que é proposto em relação à disciplina de geografia. O alcance de resultados vai muito além de uma metodologia bem empregada, mas, de um conjunto de ações horizontalizadas com objetivos claros e definidos.

Esses conjuntos de ações em primeiro lugar seriam de solucionar a crise que se desenrola entre a disciplina de geografia e a escola, pois, a escola vem como instituição totalmente presente na comunidade, de seu valor com o concreto e a geografia no seu campo de ação objetiva a capacitação para isso. Então se entra num paradoxo de idéias frente aos porquês da geografia e a escola apresentarem esse mal estar que reflete na saída de alunos ingênuos frente o mundo. A Revwe pédagogique de 1910, com o tema "A escola e a região" retrata a real situação do aluno frente à escola:

> "Diria-se que não há ao redor dela (a escola) a natureza dos seus campos, seus prados, seus bosques onde trabalham os homens, os pais, os irmãos de nossos alunos, a aldeia e suas fazendas, a cidade trepidante de ofícios. tudo isto, ultrapassados os portões da escola, a criança esquece, acha normal esquecer... e cochila"

A escola apresenta uma real ligação com o espaço concreto, mediante as disciplinas que preparam o aluno frente às transformações. O aluno quando adentra na instituição deve ser motivado a procurar as respostas que levaram o seu lugar, como também o mundo a possuir tal configuração. Brabant (1994) medita em cima desta questão e contesta a própria resistência da escola na sua ligação com a vida social e a incapacidade da geografia torna-se o elo fundamental deste casamento escola x sociedade.

Quando se fala em problemática da geografia remonta da própria abertura da instituição para o mundo. A geografia como disciplina teve em grande parte um papel aquém de suas capacidades, simplesmente sendo aplicada de forma abstrata, mas a geografia não é a ciência do concreto?

Duchesme (1822) já retratava que a geografia tinha como ocupação uma existência atual. Então a metodologia partiria de um pressuposto do vivido, da constatação de que toda a dinâmica responsável pela mutabilidade resulta na produção de um determinado espaço.

De fato a disciplina apresenta objetivos bem claros, mas entra-se em contradição quando são aplicados, pois o tradicional rodeia o mundo abstrato das idéias. O foco então no descritivo, que é base na metodologia tradicional elimina totalmente a relevância quanto à explicação, como afirma Brabant (1994, p. 19) “A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar e classificar em lugar de analisar e de interpretar”.

Uma das grandes perspectivas para solução dos problemas foi à introdução da geografia crítica nas escolas. O irônico de se falar dessa questão dessa nova metodologia da geografia e como afirma Straforini (2008, p. 48) é a “... própria critica a geografia crítica” que entrou nos PCN’S e nos livros didáticos.

A abordagem metodológica que assumiu o ensino de geografia critica permeou o materialismo histórico, que nesse sentido como afirma Straforini (2008) às ações provocadas no espaço através do modo de produção, bem como as relações de trabalho, tornou-se foco dos estudos na geografia. Coube então o entendimento desses processos mais a economia e a sociologia do que a geografia, surgindo então a insastifaçao, pois esses conteúdos não tinham caráter próprio da geografia.

Essas ações que promoveram a reestruturação do ensino caíram mais uma vez no problema das ações verticalizadas, visto que a nova proposta apesar de ter sido construída por professores como afirma Straforini (2008, p. 49) “por mais que se esforçassem em disseminar em suas cidades os resultados de suas discussões, a própria estrutura burocrática do sistema educacional impunha limites a esse trabalho”. O não entendimento das relações locais que desenrolam no cotidiano de todos os participes do contexto escolar, levam a tomada de decisões que caem na mesmice. A nova geografia apresentada a todos os professores, já era um conhecimento pronto que não teve nenhuma construção da sua parte, conseqüentemente o crítico virou tradicional.

Segundo Silva (2002), a geografia dita como “crítica” não conseguiu romper o conteudismo que é inerente ao tradicional. O que houve de fato foi uma troca dos conteúdos ditos como descontextualizados, por uma “versão crítica” que supostamente seria a metodologia adequada, Cavalcante (1998).

Nota-se então, o inicio de uma “relação” bem tumultuada em no que diz respeito à escola e a geografia, onde a geografia por apresentar todo esse contexto metodológico, não se encaixa na atual estrutura de ensino. Essa condição em muito

é inerente a maneira como foi posta a disciplina como a de simples caráter descritivo.

Fato é que o processo de globalização provoca uma aceleração gigantesca nas relações do homem com o espaço e a escola como instituição responsável por preparar os indivíduos se molda as tendências, o que não acontece com a disciplina de geografia, estagnada no tempo com suas bases metodológicas aquém das suas reais capacidades. Como afirma Brabant (1994, p. 21) “A geografia torna-se a vítima de um duplo processo de crise ligada ao seu conteúdo e a seu lugar na instituição escolar em vias de reestruturação”.

O contexto político educacional brasileiro é um dos pontos marcantes nas “tendências” que colaboram no sufocamento da geografia. Como afirma torres (1996) e Gonçalves (1999), onde as transformações que se seguiram na estrutura educacional brasileira, não foram de fato resolução dos problemas internos, mas sim para suprir as exigências de grandes órgãos internacionais de fomento, a exemplo o Banco Mundial e o FMI.

Então as escolas eram cobradas a trabalhar por metas que visavam resultados concretos, ou seja, números. Esse modelo quantitativo que os grandes órgãos esperavam em troca, era baseado numa realidade aquém da estrutura educacional brasileira, que levou as instituições a fazerem adequações levando assim a queda total na qualidade do ensino.

Devido a esse processo de verticalização do ensino, a escola foi coagida a acompanhar as exigências impostas pela sociedade capitalista, no que tange a sanar as deficiências, as necessidades para o estabelecimento de uma educação pautada na especialização, que são as necessidades do mercado.

Segundo Pinheiro e Mascarin (1992), os novos padrões econômicos que provocam na sociedade essa doutrina de acumulação de capital, levam aos processos de especialização e avanços tecnológicos que conseqüentemente denotam uma visão de mundo fragmentada, ou seja, uma educação totalmente alienante. O aluno é um mero agente passivo no processo educativo, o tradicional mais uma vez ganha força motivado pelas tendências globalizantes.

A geografia se vê minada e até certo ponto marginalizada, diante das adequações da instituição frente às novas necessidades de ensino, uma exigência de profissionalização. O grande ponto que desenrola toda essa problemática frente a

essa disciplina seria de fato uma crise existencial, uma busca no entendimento da sua finalidade.

Qual a finalidade da geografia na escola diante dessa realidade tecnicista? Qual são as perspectivas dessa disciplina para o futuro? Muito se falou até da extinção da disciplina, que seria até um absurdo se comentar de tal realidade tão “obscura”.

A geografia se ainda aplicada de maneira tradicional, representa uma continuidade de situação. Uma disciplina considerada nem um pouco atraente para os alunos, totalmente decorativa e conseqüentemente reprodutivista, que a cada dia perde mais seu espaço na escola. Uma matéria que deveria ser à base de inserção da escola na comunidade, como do aluno para o espaço ao seu redor, com um destino tão inserto.

Straforini (2008, p.51) aborda que “ensinar geografia nos dias atuais requer dos professores a formulação de questões centrais, tais como: para que se ensina Geografia? Por que aprender geografia? A ciência geográfica tem que ter finalidade, uma aplicação prática para com os alunos.

A geografia seguida de fato como à disciplina que procura criar uma noção crítica, uma compreensão das práticas sociais assume um papel importantíssimo no processo de formação do individuo, que Straforini (2008) aborda do papel de destaque assumido pela geografia como disciplina que possui atributos para se acompanhar as transformações atuais de forma integrada.

Nota-se que a disciplina então possui características intrínsecas nos processos de entendimentos espaciais. Cabe ao professor a habilidade de externar o que a disciplina oferece e a partir disso traçar as metodologias adequadas diante de cada realidade das salas de aula.

Como confirma Callai (2000) sobre o papel do professor, onde ele é totalmente partícipe desse processo de construção, considerando que esse processo supõe conteúdos e métodos e a aprendizagem é um processo do aluno, o professor tem que estar preparado (planejamento e embasamento) para ser o mediador, criando condições para que o aluno busque o conhecimento. O educador então tem a função de ser essa ligação da disciplina para com o aluno.

O professor de geografia tem de almejar objetivos claros a disciplina, uma perspectiva onde a quebra do tradicional revele novas ações teórico-metodológicas,

como mostra Callai (2005, p. 231) afirmando onde “O professor, as suas concepções de educação e de geografia, é que podem fazer a diferença”.

A busca de uma finalidade, principalmente no que diz respeito a uma adequação na disciplina, mas não no papel na sala de aula, revelam perspectivas positivas para um futuro inserto de uma matéria de tão significância no contexto de formação de alunos espacializados.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O contexto educacional em relação ao ensino da geografia apresenta então todo um contexto histórico, que trouxe a reformulações da disciplina geográfica, que ao longo dos anos vieram por atender interesses aquém das necessidades reais no processo de ensino-aprendizagem.

A escola municipal Maria Teresa Maciel da Silveira Melo, está inserida nesse contexto, pois, como instituição pública de ensino, está sujeita as ações verticalizadas que tanto prejudicam os processos educacionais e vem por nortear parâmetros que atendam necessidades quantitativas e não qualitativas.

Quanto ao contexto mais amplo, viu-se que a instituição em certa parte fica subjugada a interesses superiores. Ações que promovam reformulações entram em conflito com o sistema em vigor, criando toda uma rede de trâmites burocráticos, para o desenvolvimento de novas abordagens metodológicas.

A estrutura pedagógica da escola é bastante organizada, a SMEC (secretaria municipal de educação e cultura) é bem exigente em relação aos parâmetros que regem o funcionamento da instituição de ensino, que vai desde a gestão, corpo docente até serviços gerais, como ficou evidenciado no questionário aplicado aos docentes onde, 66,3% dos entrevistados responderam que a escola possui a estrutura necessária para se trabalhar a disciplina, principalmente com a metodologia lúdica que apresenta resultados satisfatórios.

Apesar de a grande maioria ter creditado a escola em relação à infra-estrutura, o restante (33,3%) colocou que a escola não dispõe de tal estrutura para o bom desempenho da geografia onde, a falta de matérias foi uma das principais reclamações por parte dos professores que dificulta e muito o ensino.

No que diz respeito aos professores que pode ser observado foi à deficiência na questão qualitativa, em que alguns entrevistados argumentaram a insatisfação

com a profissão, como também não se sentem seguros com a capacitação que obtiveram nas instituições de nível superior.

Um professor sem motivação reflete totalmente na qualidade das suas aulas, que implica na defasagem da aprendizagem logo, em problemas em toda unidade pedagógica da escola. Segundo Moraes (2007, p. 7) citando Burochovitch e Bzuneck (2004, p. 13) “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem.”

Reflexo disso é o próprio entendimento da finalidade da ciência geográfica por parte dos professores que sabem o foco real de se estudar geografia e a sua importância na formação de sujeitos espacializados, mas a grande problemática notada é a dificuldade de leitura e interpretação que é de responsabilidade dos professores que trabalham todas as disciplinas nessa fase. Os alunos encontram na leitura uma barreira gigantesca no entendimento da ciência geográfica, como nas demais disciplinas. As atividades são propostas, mas devido essa deficiência, a aprendizagem fica seriamente comprometida.

Como trazer a real finalidade da geografia para alunos com déficit de leitura e interpretação? A disciplina em si já apresenta toda uma complexidade no processo de espacialização, ainda mais com esse agravante diagnosticado. Alunos a cada dia apresentam essa incapacidade na “real leitura”, que conseqüentemente compromete a assimilação.

Embora o que é trabalhado na sala de aula, seja de fato o que compete à disciplina, como os alunos vão conseguir “manusear” esse conteúdo diante dessa barreira que é a leitura e interpretação e conseqüentemente a internalização? Esses questionamentos denotam problemáticas que não são apenas da geografia, mas de todas as outras disciplinas.

Em observações nas salas viu-se a deficiência com que os alunos possuem ante a visão de mundo. Embora eles possuem noções básicas de percepção espacial como localização, o entendimento dos porquês do espaço estarem daquela forma é que permanecem uma incógnita.

A criança “alienada” a esse modelo pronto encontrado nos livros didáticos (é à base de todos os professores) é privada do aprimoramento das relações espaciais que é fundamental para o desenvolvimento da criança enquanto sujeito partícipe no

processo de aprendizagem. No seu processo de evolução espacial o indivíduo passa por processos de construção que vem por “nortear” seus padrões de orientação. Esses processos são as noções de evolução espaciais que passam pelos espaços vividos, percebidos e concebidos.

A interpretação é fundamental na geografia, cabe aos professores trabalharem essa problemática, senão que tipo de indivíduos estarão sendo entregues a sociedade? Qual sua será sua funcionalidade num mundo tão complexo em que as informações passam com tanta velocidade?

Nota-se então todo um processo de construção do individuo pertinente a formação das suas noções espaciais ante os objetos. São esses processos de fundamentais para o entendimento de mundo e devido sua importância requerem um acompanhamento especial por parte das autoridades escolares, que tem de repensar as metodologias empregadas.

Chega-se a conclusão da carência do ensino e no que diz respeito à própria alfabetização espacial, surgem a cada dia como afirma Lacoste (1993), alunos “sonâmbulos, teleguiados ou canalizados” totalmente aquém da sua realidade, incapazes intelectualmente das práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA**,** R. D. **O espaço geográfico: Ensino e representação**/ Rosangela Doin de Almeida. Elza Yasuko Passini - . 15ª ed., 1ª reimpressão - São Paulo: contexto, 2008. (repensando o ensino).

BRABANT, J, M. Crise da geografia, Crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** – 5ª. ed. – São Paulo: Contexto, 1994. (coleção repensando o ensino)

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia*:* práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, H. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em 19 de abril de 2010.

CASTROGIOVANNI. A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia*:* práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. **“Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”**. IN: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. A. Geografia. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

DUCHESME. **Sur l’enseignement de l’histoire, de la Géographie et de La chronologie.** (sobre o ensaio da história, da Geografia e da cronologia) 1822.

GIL, A. C, 1946; **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. 4ª ed. 8. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, C. W. P. Reformas no da Educação. In: Carlos, A. F. A., Oliveira, A. U. de. (orgs.) **Reformas no Mundo da Educação: Parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

“L’ école et la région” (A escola e a região). Revue pédagogique, éd. Blanguernon, 15 de novembro de 1910.

MORAES, C. R. Motivação do aluno durante o processo de ensinoaprendizagem. IN: **Revista eletrônica de Educação**. Ano I, N°. 01, ago. / dez. 2007.

PINHEIRO, A. C. & MASCARIN, S. R. **Problemas sociais da escola e a contribuição do ensino da Geografia.** Terra livre – AGB. São Paulo: nº 11-12, 08/92 a 08/93, 1992.

SAHR, C.L; ALVES, A.F. **Geografia ensinada – Geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná.** Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, p. 49 -60. Florianópolis, maio de 2009. Disponível em: http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed05/art02ed05.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2010.

SILVA, J. L. B. da. **O que está acontecendo com o ensino da geografia? Primeiras impressões.** In: PONTUSCHKA, N.N.; OLIVEIRA, A. V. DE (orgs). Geografia em perspectiva. São Paulo: contexto, 2002.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: O desafio da totalidade-mundo nas series iniciais** / Rafael Straforini; 2ª ed. São Paulo: Analumbre, 2008.

TORRES, R. M. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: WARD, M. **O Banco Mundial e as políticas Educacionais.** São Paulo: Cortez, 1996.